

2019 | v. 3 | n. 1 | ISSN 2447-8911

DEDS

EM REVISTA



AÇÕES AFIRMATIVAS E ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

Ações de extensão como estímulo ao ingresso
na Universidade e à formação cidadã



APRESENTAÇÃO

DEDS em Revista chega à sua terceira edição apresentando a temática do acesso ao ensino superior. Este tema tem gerado um debate frequentemente *acalorado* nos últimos anos, em virtude da implementação da política de ações afirmativas nas universidades. Como colaboração a essa discussão, essa edição traz escritos sobre ações e experiências que apostam nessa política educacional como possibilidade de equidade no acesso aos direitos sociais.

Nesse meio, cada um de nós está em um espaço-tempo. Lembro-me de vibrar no dia da aprovação das cotas na UFRGS, em 2007, e de receber olhares desconfiados, que pareciam expressar o clima de disputas desse campo. É nesse cenário que muitas problematizações ganham fôlego no espaço universitário. Na primeira seção, temos algumas experiências de trabalho que se relacionam e expressam as marcas dessa política na universidade, por meio de artigos de técnicos administrativos da UFRGS abordando as ações afirmativas desde as experiências institucionais. Abrimos com o texto que destaca o processo histórico da implementação das cotas raciais e a aposta na expansão de acesso pelos sujeitos de direito. Enlacado a esse contexto, temos o artigo que trata do Por Dentro

da Ufrgs: Programa de Apoio ao Acesso ao Ensino Superior, vinculado ao Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS) da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS. Esse programa vem catalisando estratégias, muitas das quais realizadas com diversos parceiros institucionais, ao fomentar o pensar-agir acerca da promoção de um diálogo interno, com o intuito de que a comunidade da UFRGS mature sua própria transformação, e também externo, para que o saber sobre as modalidades de acesso seja apropriado por quem tem esse direito. No último artigo da seção ganham proeminência as reflexões a respeito das demandas por permanência, ressaltando-se a ampliação das estratégias de acessibilidade, em parte aquecidas com a inserção de cotas para pessoas com deficiência.

Na segunda seção, temos a experiência de pré-vestibulares populares como estratégia para que a população, em muitos casos, alijada de seu direito à educação superior, possa criar meios de acessar percursos de formação. O acesso a essa etapa da educação é tomado como um possível, diante de um universo que, por vezes, o limita. Os cursos Esperança Popular da Restinga, EducaMed e Liberato aparecem como fragmentos de uma rede que sabemos ser mais densa. São expressões de modos de ser popular, de se

fazer cidadãos nesse encontro entre professores-estudantes e estudantes-pré-universitários.

Como enlace para pensar os efeitos da educação popular nas vidas, temos uma entrevista com Vera Rodrigues, professora na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, que compartilha sua trajetória no Movimento Negro e como estudante do Pré-vestibular Popular Zumbi dos Palmares. Temos, a partir desse registro, a materialização de um movimento possível e vívido, constituído na relação com os espaços percorridos na educação popular e na universidade.

Por fim, abrimos a quarta seção com escritas acerca de percursos de vida que se cruzam na experiência de ser e estar como sujeito das ações afirmativas: apresentamos relatos de cotistas que percorrem a prática extensionista criando encontros consigo e com o outro; e, contamos com reflexões de educadores que se constroem nos cursos pré-vestibulares populares e se percebem como resistência.

Nesta edição, **DEDS em Revista** traz muita vida: trabalhadores, estudantes, educadores, sonhadores e construtores de um lugar e de um viver político. Boa leitura!

Vera Lúcia Inácio de Souza
Psicóloga – DEDS/UFRGS

Pré-vestibulares populares tecendo o acesso ao ensino superior

CURSO PRÉ-VESTIBULAR POPULAR EDUCAMED: ESPAÇO DE ARTICULAÇÃO DA EXTENSÃO E PESQUISA

Odalci José Pustai - Professor (Faculdade de Medicina/UFRGS)

Dário Frederico Pasche - Professor (Escola de Enfermagem/UFRGS)

Rodrigo Caprio Leite de Castro - Professor (Faculdade de Medicina/UFRGS)

Camila Giugliani - Professora (Faculdade de Medicina/UFRGS)

Bruno Arthur Bernardy - Graduando em História (UFRGS)

Roger Pereira - Graduado em Sociologia (UFRGS)



GUSTAVO DIEHL / SECOM UFRGS

Vestibular 2018 - Listão

O EducaMed é um dos muitos cursinhos pré-vestibulares populares com atividades em Porto Alegre e faz parte de toda uma efervescência em torno das questões relacionadas às novas políticas de acesso às universidades. Olhando o perfil socioeconômico dos alunos interessados em frequentar o EducaMed, ficou evidenciado que muitos pertenciam aos historicamente excluídos da sociedade brasileira, portanto, estavam dispostos a mudar sua trajetória, mesmo sabendo das enormes dificuldades que enfrentariam. Todo este contexto foi chamando mais atenção na medida em que conversas informais com os alunos reforçavam a ideia de que um novo personagem estava batendo às portas da universidade. Esse tema passou a fazer parte das discussões entre os participantes do projeto e culminou na proposta de

desenvolver uma pesquisa dentro de uma Ação de Extensão. Essa pesquisa está em andamento e tem o registro oficial no sistema da UFRGS com o nome de “Itinerários de vida de batalhadores: improváveis às portas da universidade”.

Por se tratar de uma pesquisa nova que foge um pouco dos modelos tradicionais, foi montado um grupo de interessados no tema com necessidade de fazer discussões preliminares para construir algumas afinidades epistemológicas. Os olhares diferentes com densidades de conhecimento vindos da epidemiologia, saúde coletiva, medicina, educação, história, sociologia, somadas às trajetórias muito diferenciadas traziam permanentemente uma perspectiva eurística de um segundo observador (LUHMANN, 2009), colaborando na elaboração do objeto de estudo com mais complexidade. E por se tratar de uma pesquisa qualitativa, as diferenças de grau têm uma importância relativamente menor em comparação com as diferenças de natureza (BERGSON, 1990), valorizando sobremaneira o mergulho em profundidade naquilo que é propriamente humano e que não cabe em cálculos de exatidão. No entanto, isso não nos afasta do devido rigor metódico na busca da construção do conhecimento, mas nos permite usar uma linguagem

menos hermética e técnica preservando o rigor epistemológico. Assim, podemos fazer com que nossos sujeitos da pesquisa revelem suas narrativas de maneira parecida com o que acontece na “máquina do mundo”, se entrea-brindo diante do pesquisador “semelhante a essas flores reticentes, em si mesmas abertas e fechadas”. (ANDRADE, 1951).

Acesso à Universidade das Classes Populares

As condições de educação das classes populares que refletem também sua inserção em determinados estratos de classe, ao longo da história brasileira, sempre foram muito precárias. Em função disso, a mobilidade social ficava limitada pela falta de capital escolar para ingresso no ensino público e falta de condições financeiras para cursar o ensino superior privado.

Dentro desse quadro, a reprodução das forças produtivas se mantinha segmentada. Os filhos dos trabalhadores e pobres, tendencialmente, seguiam os passos dos pais, tanto na sua capacidade de geração de renda, quanto na sua inserção no mundo do trabalho que não exige ensino superior, sendo que, para estes, o ingresso no ensino superior ocorria raramente e, quando acontecia, era usado como argumento a favor da

ideia de meritocracia – discursivamente manejada como justificativa ao acesso quase universal para as classes de maior renda econômica.

A primeira grande tentativa de universalizar o ensino no Brasil estava na proposta de Reforma de Base de Jango Goulart. Este processo foi violentamente interrompido pelo Regime Militar, que não tinha proposta de alterar o quadro histórico da educação. Com a perda de legitimidade da ditadura, os movimentos sociais e políticos começaram a reivindicar não somente liberdade e democracia, mas também a colocar em debate uma série de políticas públicas, entre as quais aquelas que versavam sobre o acesso universal, público e gratuito ao ensino de qualidade em todos os níveis. Nos governos da transição democrática, essas reivindicações não tiveram acolhimento, mesmo tendo previsão legal na reforma da Constituição em 1988.

Com a chegada de um governo que assume compromissos com amplos setores sociais, são gestadas políticas públicas que se propõem a modificar o acesso ao ensino superior. As próprias ações afirmativas, reunidas em um programa do Governo Federal, ganham um novo destaque de prioridade política, passando a compor uma Secretaria Nacional

com status de ministério, fazendo com que esse tema passasse a compor a agenda política do Governo Federal (BRASIL, 2002a). Dentro dessa perspectiva, uma série de universidades públicas lançam programas de ações afirmativas, com o objetivo principal de ampliar e garantir acesso para estudantes originários de escola pública, de baixa renda, autodeclarados negros e indígenas. Em seguida, o Governo Federal, no âmbito do Programa Nacional de Ações Afirmativas, cria mecanismos de democratização do acesso ao ensino superior às camadas socialmente minoritárias, mediante a utilização de vagas nas universidades públicas, considerando cotas socialmente dirigidas (BRASIL, 2002b), cuja legalidade, questionada por opositores do governo, foi confirmada pelo Supremo Tribunal Federal¹.

Dentro deste contexto, ocorreu grande efervescência no campo da educação, produzindo estratégias para dar conta dessas novas possibilidades de ingresso no ensino superior. Por conseguinte, foram criados muitos cursos pré-vestibulares populares, questionamentos e tensiona-

1 - Mais informações podem ser buscadas no site da BBC Brasil, disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/04/120426_stf_cotas_ac.shtml, acesso em 02 de junho de 2017.

mentos para se preparar melhor para o novo tipo de acesso às universidades públicas e para concorrer a financiamentos e bolsas em universidades privadas. O conhecimento sobre o direito a ações afirmativas nas camadas populares ainda é pouco difundido e, talvez por isso, ainda é pouco exercido.

A Jornada dos Improváveis

Dentro do tema mais geral da mobilidade acadêmica dos estudantes brasileiros oriundos das classes populares, o projeto de estudo verificará as trajetórias de vida de estudantes que concluíram o ensino médio e buscam os cursinhos pré-vestibulares populares para melhorar sua condição de acessibilidade ao ensino superior. Para buscar entender em maior profundidade como é a vida e a inserção social desses sujeitos na sociedade brasileira, buscar-se-ão conceitos e referenciais teóricos que dialogam com o objeto da investigação. Em relação ao conceito de classes sociais, concordamos com a perspectiva crítica adotada por Sousa (2015), quando considera que, em determinadas interpretações de Marx, em estudos sobre classes sociais no Brasil (POCHMANN, 2012), este conceito se define fundamentalmente em termos economicistas. Faz parte desta concepção o en-

tendimento de que a venda da força de trabalho para os donos do capital engendraria representações significativas determinadas pelo tipo de inserção no mundo econômico, como principal fator distintivo nas diferenciações de classe social. Todas as outras representações nos sujeitos seriam consequências lógicas das relações de trabalho, vistas como atividades fundamentalmente econômicas.

No entanto, o complexo processo de subjetivação do trabalho e suas profundas implicações na vida das pessoas, pensadas a partir dos conceitos marxistas de fetiche da mercadoria, reificação e alienação, sugerem que essa teoria não se limita a entender o sujeito somente sob a estreita ótica economicista. Com isso, queremos afirmar que adotamos um conceito de classe social que, além do capital econômico, tenta verificar como se distribuem outros tipos de capitais. Além do capital econômico, existem outros capitais, que Bourdieu (2004) chama de simbólicos, dentre os quais estão os educacionais, culturais, sociais, entre outros. Então, para o autor, uma noção de classe social mais complexa é a que reflete o modo como os capitais, tanto os objetivados como os incorporados, se distribuem distintamente em critérios classificatórios não simplificados (BOURDIEU,

2011, p. 107). O conjunto desses capitais incorporados engendram um *habitus* distinto nos diferentes estratos de classe social. Nos sujeitos que convivem com condições de falta de acesso a bens culturais, educacionais e econômicos, os capitais simbólicos podem produzir o que Bourdieu chama de *habitus* precário (BOURDIEU, 2011). Grosso modo, podemos dizer que uma grande massa de brasileiros que têm ensino de baixa qualidade, condições de saúde e moradia precárias, que moram na periferia e têm ganhos econômicos muito baixos, é composta por aqueles que incorporam um *habitus* precário. Já a elite brasileira deve constituir um *habitus* muito diferente deste, pois tem disponíveis recursos escassos, conforme pontua Souza.

As classes dominantes – classe média e alta – se definem, antes de tudo, pelo acesso aos dois capitais impessoais que asseguram, por sua vez, todo o tipo de acesso privilegiado a literalmente todos os bens (materiais ou ideais) ou recursos escassos em uma sociedade de tipo capitalista moderna (SOUZA, 2010, p. 48).

Um dos recursos impessoais das classes mais elevadas é a forma privilegiada de poder dispor do tempo. Enquanto os filhos das classes média e alta podem se dedi-

ACERVO EDUCAMÉD



Sala de aula do EducaMed

car apenas aos estudos e lazer, contando com o sustento financeiro dos pais, nas classes populares uma boa parte do tempo é gasta no sustento econômico próprio e da família, deixando o estudo e lazer em segundo plano (SOUZA, 2010, p. 51). Além dessa disponibilidade de tempo para construção e acumulação de capital cultural, existem, para os jovens das classes dominantes, os privilégios, que podemos chamar de gozos precoces da vida, e que, na maioria dos casos, são custeados pelo capital econômico dos pais, como viagens nacionais ou internacionais para confraternização, de formatura ou não, do colégio; acesso a todas as modalidades de esportes e e-sports; idas a festas e clubes; acesso àimentação de prestígio social;

proveito pleno da vida sem sofrimento de saúde; conforto doméstico (temos como exemplo o uso do ar condicionado no calor escaldante); acesso ao cinema, teatro, museus e outras intervenções artísticas; passeios a shoppings com possibilidades de consumo e sem o sofrimento de algum tipo de discriminação (a exemplo dos rolezinhos, que ganharam destaque na mídia brasileira no final de 2013² e que ainda seguem, em menor força, existindo³); conforto no transporte diário; acesso a tecnologias de última geração

2 - Jovens marcam encontro pela internet e causam tumulto em shopping em SP. Folha de S. Paulo. Grupo Folha. 8 de dezembro de 2013. Consultado em 27 de outubro de 2016.

3 - "Jovem agride adolescente durante 'rolezinho' em shopping no ES". G1. 27 de setembro de 2016. Consultado em 27 de outubro de 2016.

(experiência do uso); uso de vestimentas que seguem tendências atuais, e sem passar pelo constrangimento de não ter opções de vestimentas exigidas para certas ocasiões ou locais.

Além de uma distribuição desigual dos capitais simbólicos nas diferentes camadas sociais, ainda existe uma distribuição desigual desses capitais em indivíduos pertencentes aos mesmos estratos de classe. Esse entendimento se encontra em Lahire (1997), em seus estudos sobre o desempenho escolar em estudantes de classes populares na França. Ele percebeu que os capitais culturais e outros capitais simbólicos dos pais não eram transmitidos de forma homogênea e não seguiam uma regra geral de distribuição entre os filhos de todas as classes sociais. Isso significa que indivíduos pertencentes a camadas menos favorecidas podem contrariar a trajetória dos pais, fazendo com que sujeitos com grande probabilidade estatística de fracasso mudem essa tendência. É no itinerário de vida de cada um desses sujeitos que podem ser encontradas razões suficientes para que muitos deles rompam com a condição de improváveis e consigam construir trajetórias que ultrapassam o que estava predestinado pela condição de serem portadores de *habitus* precário. Em síntese, do meio

da ralé brasileira (SOUZA, 2009), onde predomina um *habitus* precário, emergem os batalhadores (SOUZA, 2010), dentre os quais estão aqueles que terminam o ensino médio, e, movidos por razões que ainda desconhecemos, buscam alternativas para superar a condição de improvável. Uma dessas alternativas é oferecida pelo Curso Pré-Vestibular Popular EducaMed entre outros cursos populares. É na reconstrução das histórias de vida desses sujeitos que queremos encontrar as características indiciárias que marcam a transformação dos improváveis.

Os Itinerários de Vida

Para desenvolver a presente pesquisa, fizemos a escolha do método biográfico a partir da coleta de histórias de vida. Fundamentalmente, a metodologia será baseada em um texto de Jacques Marre – “História de vida e método biográfico”. Esse método busca “reconstruir o conteúdo de uma memória coletiva, pondo em relevo a ação humana dos indivíduos que atuaram e colaboraram na expansão dessa memória” (MARRE, 1991, p. 90). Identificar as relações entre sujeitos organizados em sociedade que produzem sentido dentro de categorias previamente construídas no referencial teórico. Dessa maneira, a escuta significativa de cada sujeito da pesquisa procura pela presença de “relações básicas e complexas,

que dizem respeito às categorias sociedade, grupo e indivíduo, expressas no relato oral. São relações ligadas à estrutura social e grupal e, ainda à ideia de rearranjo e reapropriação do social, que o indivíduo faz como unidade singular em seu relato” (MARRE, 1991, p. 91). Com esta metodologia, não se pretende contar somente as histórias contínuas da vida de cada um dos sujeitos que vamos entrevistar. Vamos tentar verificar também as rupturas e descontinuidades, o que nos permite compreender em profundidade as relações complexas que estão presentes na vida em sociedade e que são mais bem vistas quando se tem a compreensão de que a história não é linear, nem no sentido geral, nem em relação à história oral dos indivíduos. É dentro dessa perspectiva que a metodologia constrói mecanismos de relações sujeito-sujeito para produzir os relatos pessoais, e com isso rompe com a leitura linear do dado como se este pudesse ser objetivado e retirado do contexto do qual faz parte. É, neste sentido, que não há uma neutralidade do pesquisador nem em relação aos dados coletados na pesquisa nem na relação dele com os sujeitos participantes da pesquisa, pois consideramos que o pesquisador e sua visão de mundo estão permanentemente implicados em todo o processo de trabalho. Esse entendimento também está alicerçado no conceito ontológico de ser humano baseado na filosofia spinozana, construído a partir da crítica ao

racionalismo cartesiano solipsista.

Em resumo, acreditamos que uma sociedade é formada por sujeitos que vivem em relações sociais, portanto, o ser humano é um ser social e por isso cada ser humano, em sua singularidade, traz em sua memória o sentido da vida coletiva, da vida em sociedade. Quanto mais profunda for a entrevista com o sujeito, melhor nos aproximamos daquilo que confere sentido de humanidade nas pessoas. Baseado nesses fundamentos

metodológicos, foram feitas entrevistas em profundidade com alunos e ex-alunos do Curso Pré-Vestibular Popular EducaMed, utilizando como roteiro um conjunto de categorias previamente estruturadas e desdobradas em questões de um roteiro de entrevista. O critério amostral foi definido pelo esgotamento de categorias. Todas as entrevistas foram gravadas e estão sendo transcritas. Em seguida, todo o material vai ser agrupado por categorias que serão analisadas separadamente, examinando todas as tendências internas.

Os resultados serão discutidos a partir das categorias teóricas previamente construídas sempre dentro do referencial teórico principal da pesquisa.

Compreender esse fenômeno, recente em nossa história, do ingresso no ensino superior de pessoas que até então, por razões socioeconômicas e culturais, não encontravam essa oportunidade, é o que pretende essa pesquisa nascida da extensão que àquele fenômeno se alia.

Referências:

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Poema A máquina do mundo, In: **Claro Enigma**. Ed. Record. 1951.
- BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Ed. Martins Fontes. 1990.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento / tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. Porto Alegre: Editora Zouk. 2011.
- _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva. 2004.
- BRASIL. **Decreto nº 4.228, de 13 de maio de 2002a**. Institui, no âmbito da Administração Pública Federal, o Programa Nacional de Ações Afirmativas e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4228.htm
- BRASIL. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2002b**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm.
- LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares** – As razões do improvável. Trad.: Ramon Vasques, Sonia Goldfeder. São Paulo: Editora Ática. 1997.
- LUHMANN, Niklas. **Introdução à teoria dos sistemas**. Ed. Vozes. 2009.
- MARRE, Jacques Léon. História de vida e método biográfico. In: **Cadernos de Sociologia**: Metodologias de pesquisa. Porto Alegre, vol. 3, n. 3, jan./jul. PPG Sociologia UFRGS. 1991.
- SOUZA, Jessé. **“A Ralé Brasileira Quem é e como vive”**, Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2009.
- _____. **Os batalhadores brasileiros**: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Editora UFMG. 2010.
- POCHMANN, Márcio **Nova Classe média?** O trabalho na base da pirâmide social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2012.